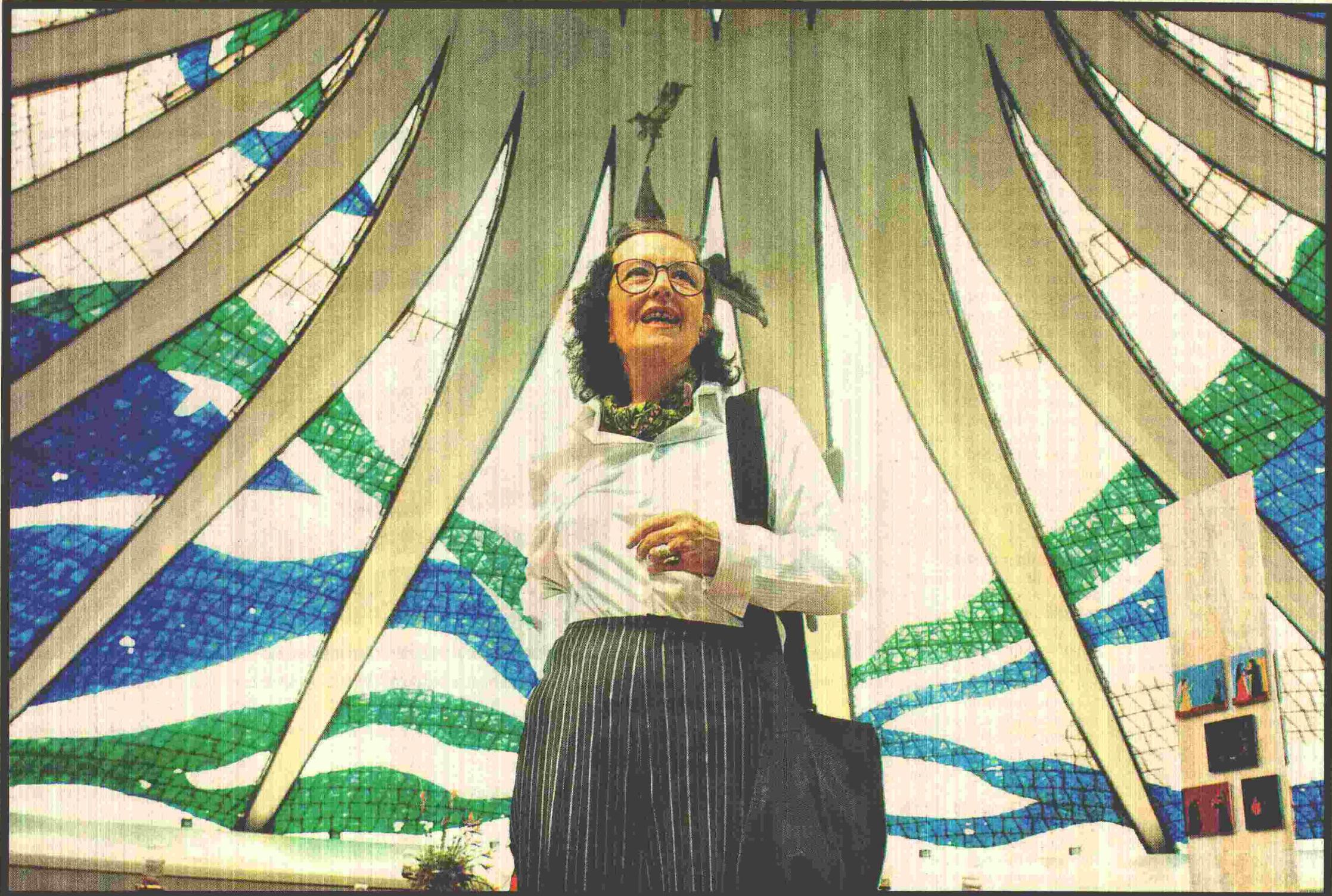


# PRESERVAÇÃO

A artista plástica Marianne Peretti recebeu o título de cidadã honorária de Brasília, mas criticou o estado de conservação dos vitrais que construiu para os principais monumentos de Oscar Niemeyer

Marcelo Ferreira/CB



**“FAZER ESSE PAINEL FOI COMO ATRAVESSAR O MAR”**

Marianne Peretti, artista plástica

# Uma visita decepcionante

ÉRICA MONTENEGRO

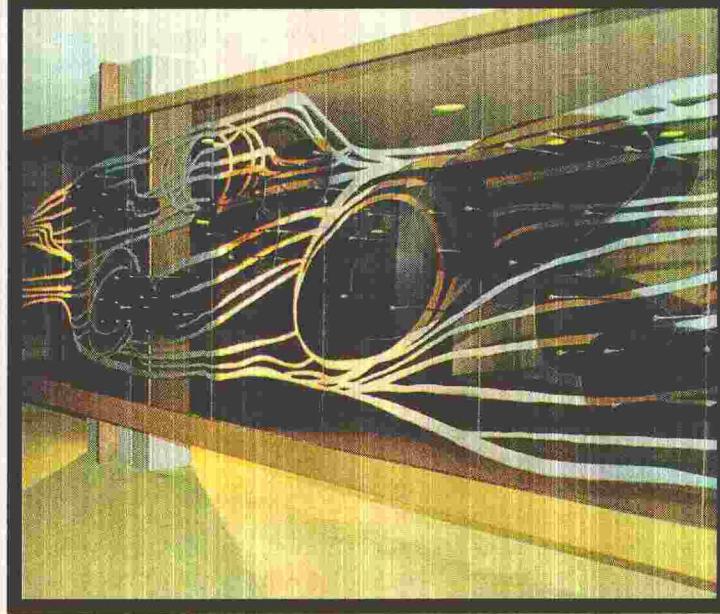
DA EQUIPE DO CORREIO

O que era para ser um agradável passeio com doces recordações transformou-se em uma experiência decepcionante. Convidada para receber o título de cidadã honorária de Brasília, concedido pela Câmara Legislativa do Distrito Federal, a artista plástica Marianne Peretti surpreendeu-se com a falta de conservação das suas mais importantes obras de arte na cidade. O pior momento foi a visita à Catedral Metropolitana. “É um absurdo. Isso, do jeito que está, pode até machucar alguém”, alarmou-se, ao contemplar os vitrais cheios de buracos.

A visita de Marianne aos prédios públicos da capital federal começou no Panteão, na Praça dos Três Poderes. O vitral feito em homenagem aos heróis da pátria era o menos danificado de todos. Construído com ferro e vidro nas cores roxa, vermelha e branca, o painel de 34 metros quadrados exibe apenas um vidro trincado, bem onde está a assinatura da artista. “Esse vidro foi importado da Alemanha, não há como trocá-lo. Melhor usar cola transparente para pelo menos evitar que quebre”, sugeriu. Emocionada com a visita de Marianne, a guia do Panteão, Maria Aparecida Alves, 46 anos, pediu desculpas pela falha. “É um orgulho tê-la aqui. Falo sobre seu trabalho diariamente.”

Em seguida, Marianne esteve no hall de entrada da Câmara dos Deputados, onde observou o vitral Araguaia, de 13m de comprimento. Feito por ela em 1977, o painel de blindex não estava danificado, mas a iluminação – criada pela equipe de Niemeyer para realçar a obra de arte – estava apagada. “Como aqui quase não entra luz natural, seria importante que as luzes esti-

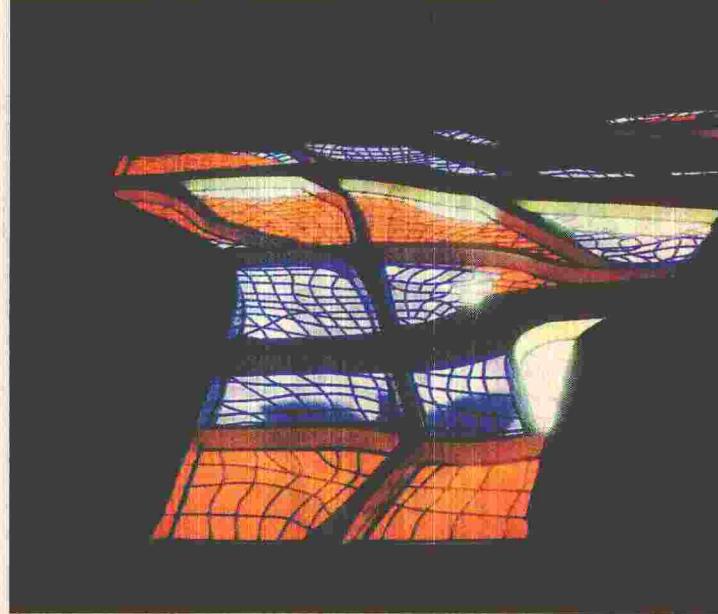
Carlos Moura/CB/1.11.05



PAINEL DO ARAGUAIA

O VITRAL DE 13M DE COMPRIMENTO FICA NO SALÃO VERDE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. PEDAÇOS DE VIDRO SOBREPOSTOS DÃO IDÉIA DE MOVIMENTO

Marcelo Ferreira/CB



PANTEÃO

PAINEL EM HOMENAGEM AOS HERÓIS DA PÁTRIA. OS VITRAIS MOSTRAM O MAPA DO BRASIL ESTILIZADO, NAS CORES ROXO, VERMELHO E BRANCO

vessem acesas. A iluminação permite que se vejam os diferentes detalhes do vidro”, explicou.

Marianne, assim como Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, Alfredo Ceschiatti, Burle Marx e Alfredo Volpi, é partidária da simbiose entre estética e funcionalidade. “A preocupação desse grupo era integrar a arte à arquitetura, trazendo a estética para o dia-a-dia dos cidadãos”, comentou Weydson Barros Leal, crítico de arte que prepara uma biografia sobre Marianne Peretti, a vitrinista preferida de Niemeyer.

No Salão Nobre do Senado, onde atualmente funciona o museu da instituição pública, a indignação de Marianne aumentou. O espaço estava entulhado com móveis de época, galeria de retratos de presidentes do Brasil, quadros recebidos por autoridades estrangeiras e dois gigantescos lustres antigos. “Isso aqui é um acinte a

Oscar Niemeyer. Se ele visse isso, ficaria furioso”, protestou.

Uma das características do estilo do arquiteto e da arquitetura modernista é justamente a valorização dos espaços vazios. Ao desenvolver o projeto do vitral do Salão Nobre, em 1977, Marianne planejou fazê-lo em vidro transparente justamente para que não interferisse no painel vermelho de Athos Bulcão, que enfeita a mesma sala. Hoje, entre o painel de Marianne e o de Athos foram colocados objetos históricos da antiga sede do Senado, no Rio de Janeiro.

“Isso está horrível, espero que vocês consigam um espaço adequado”, disse Marianne a uma das guias do museu. Chamada a conhecer a vitrinista, a responsável pelo espaço, Tânia Toledo, pediu desculpas em nome da instituição. “Concordo com a senhora. Esse não é o local correto

para o museu, mas estamos esperando verba para que possamos construir-lo”, explicou.

## Sacrifício

A parada seguinte foi a que mais tristeceu Marianne: a Catedral de Brasília. Ao ver a quantidade de buracos que hoje estraga a principal obra de arte dela, Marianne lembrou do sacrifício que foi para fazê-la. Entre 1987 e 1989 – época em que já tinha mais de 50 anos (ela não revela a idade de jeito nenhum), Marianne dedicou muito de seu tempo e parte de sua saúde física para fazer os vitrais da Catedral que, ao todo, totalizam 2,2 mil metros quadrados de área. “Cada triângulo desse tem o tamanho de um campo de basquete, eu os desenhei um por um, pedaço por pedaço. Não há um deles que tenha o mesmo formato de outro”.

Segundo Marianne, Niemeyer é um chefe que exige rapidez e

obstinação de seus colaboradores. “Quando decide fazer uma coisa, ele não pára de cobrar até que ela fique pronta.” No caso dos vitrais da Catedral de Brasília, duas grandes dificuldades se impuseram a Marianne: primeiro ela não tinha um espaço para desenhar o esboço dos vitrais em tamanho natural – a solução foi adequar-se ao calendário de eventos do Ginásio Nilson Nelson. Depois, ela teve fortes crises de dor nas costas pela posição na qual era obrigada a desenhar.

“Fazer esse painel foi como atravessar o mar”, diz Marianne, nascida na França, mas filha de pais brasileiros.

Monumento mais visitado de Brasília, a Catedral nunca passou por uma reforma que incluisse a troca dos vitrais. “Tenho ouvido a promessa de que isso será feito, mas até agora nada passou de fato”, lamentou o pároco da

principal igreja de Brasília, Marconi Vinícius Ferreira. Ele divide com Marianne a preocupação com a igreja-monumento. “A Catedral não é um patrimônio apenas de Brasília, é um patrimônio do Brasil e do mundo”, afirmou.

O superintendente do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan-DF), Alfredo Gastal, afirmou que a reforma da Catedral depende de uma parceria entre o poder público, a iniciativa privada e a sociedade organizada. “A reforma está orçada em R\$ 4 milhões. Há empresas interessadas, mas o processo de captação ainda não foi iniciado”, informou. Para Gastal, a visita da autora às obras chama a atenção da sociedade para a restauração e conservação dos vitrais. “Agradecemos à Marianne e pedimos que ela mantenha a esperança”.

Há um ano, a reportagem do Correio Braziliense contou 693 buracos no teto da Catedral. O problema, de acordo com estudos da Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade de Campinas (Unicamp), é a espessura e a forma de colocação do vidro. O material escolhido não daria conta de suportar a variação de temperatura que caracteriza o clima de Brasília. “Não sei se o vidro tem a ver com isso, pode ser que sim. Mas, o vidro pode ser trocado. O que não pode ser alterado é o desenho”, disse Marianne.

Professor da UnB e especialista em fundações Antônio Alberto Nepomuceno informou que um dos problemas que provocam a destruição dos vidros é a forma de colocação dos pedaços. “Não deixaram folga, então ao dilatar, eles se quebram”, explicou. Ao final de sua visita, Marianne Peretti lembrou o epíteo que o escritor e filósofo francês André Malraux deu a Brasília: “Esta é a capital da esperança, tem esperança que preservem”.